



Presidente brasileiro vê suas idéias aceitas por personagens-chaves na 56ª Assembléia Geral das Nações Unidas. Ampliação do Conselho de Segurança recebe apoio de países de todos os continentes, inclusive da Europa

Teses do Brasil avançam

Vicente Nunes
Correspondente
Paulo Silva Pinto
Enviado Especial

Nova York — O presidente Fernando Henrique Cardoso retornou ontem à Brasília convicto de que o Brasil conseguiu apoios para a proposta de ampliar o número de países com assento permanente no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), um dos principais temas de seu discurso na abertura da Assembléia-Geral, no sábado. “Pelo que vi, a posição do Brasil pode não ser ainda predominante, mas tem uma tendência a avançar porque senti muita gente vir conversar comigo para dizer ‘o que você disse é o que nós pensamos’. E não foram só os países da América Latina ou da África, mas da Europa. Todos me disseram que o que eu expressei refletia o sentimento deles também”, contou. Em encontro que considerou marcantes, FHC disse que o presidente do Paquistão, Pervez Musharraf, lhe mostrou que continua firme no poder, apesar das crescentes manifestações dentro de seu país contrárias ao apoio dado por ele ao governo dos Estados Unidos, na luta contra o terrorismo. O presidente brasileiro — bastante elogiado pelo colega norte-americano, George W. Bush, por defender a criação de um Estado Palestino — afirmou também que o Irã está pregando a democracia islâmica, proposta que coincide com a posição dos EUA e do Brasil. Na visita aos escombros do World Trade Center (WTC), Fernando Henrique viu os norte-americanos chorarem quando transmitiu a solidariedade dos brasileiros por causa dos atentados de 11 de setembro.

Brad Rickerby/Reuters



“NÃO HÁ NENHUMA CONTRADIÇÃO ENTRE GLOBALIZAÇÃO E MANUTENÇÃO DA SOBERANIA, DESDE QUE NÓS SAIBAMOS COLOCAR DE FORMA ADEQUADA A NOSSA POSIÇÃO”.

FERNANDO HENRIQUE
Nos EUA, antes de embarcar para o Brasil

VISITA AO WTC

“A visita aos escombros do World Trade Center foi comovedora. Quando eu saí, havia um grupo de americanos que estavam ali perto e eu fui falar com eles. E me emocionei porque choraram quando disse que vinha do Brasil prestar solidariedade.”

REFUGIADOS AFEÇÃOS

“Nós que nos orgulhamos da nossa diversidade podemos fazer uma ação humanitária forte (recebendo refugiados afeços). O Brasil é um país que não pode se furtar a isso.”

CONSELHO DE SEGURANÇA

“A ampliação do Conselho de Segurança é um objetivo antigo do Brasil. Mas, nesse momento, o problema é mais amplo, é de governança do mundo. Nós reativamos essa questão. Isso tudo eu disse pessoalmente ao presidente Bush, ao Tony Blair (primeiro-ministro da Inglaterra), ao Jacques Chirac (presidente da França), ao Lionel Jospin (primeiro-ministro da França), ao Aznar (primeiro-ministro da Espanha). O grau de aceitação é variável. Mas sabemos que, em política, muita coisa na vida é água mole em

pedra dura, tanto bate até que fura.”

ELOGIOS DE BUSH

“Conversei (em um almoço, na sede da ONU) o tempo todo com o presidente George W. Bush (dos Estados Unidos) e com o secretário-geral da ONU, Kofi Annan. O presidente Bush felicitou-me pelo discurso e disse que também havia falado sobre a questão palestina (um dos temas do discurso de FHC no plenário da Assembléia Geral) e que foi a primeira vez que um presidente norte-americano colocou essa questão abertamente.”

APROXIMAÇÃO COM O IRÃ

“O presidente do Irã, Mohammad Khatami, mostrou que não se pode julgar em bloco uma religião nem uma civilização (por causa do terrorismo). Seu esforço é o de mostrar que está tentando implementar uma versão democrática do Islã. A tese que ele defendeu, do diálogo das civilizações, é uma busca disso. Não há relacionamento (diplomático) entre o Irã e os EUA. Apesar disso, o pensamento do presidente do Irã coincide com os dos Estados Unidos e meus. Com os EUA, na não-aceitação total do terrorismo e a negação do Corão (pelos terroristas). Comigo, pela insistência no diálogo das civilizações.”

PERVEZ MUSHARRAF

“O presidente do Paquistão me pareceu uma pessoa firme, segura, que não tem medo das manifestações havidas no seu país (contra os bombeiros dos EUA no Afeganistão). Ele não nega a posição de alguns setores religiosos no Paquistão contrária ao apoio que está dando aos EUA, mas se mostrou absolutamente confiante nas suas Forças Armadas e na opinião pública do seu país.”

O BRASIL NO MUNDO

“Não há nenhuma contradição entre globalização e manutenção da soberania, desde que nós saibamos colocar de forma adequada a nossa posição. Tem de ser democrática. Senão, com que moral vou pedir que a globalização seja mais solidária e menos assimétrica se nós, no Brasil, não tivermos também a preocupação com menos assimetria e com mais democracia?”